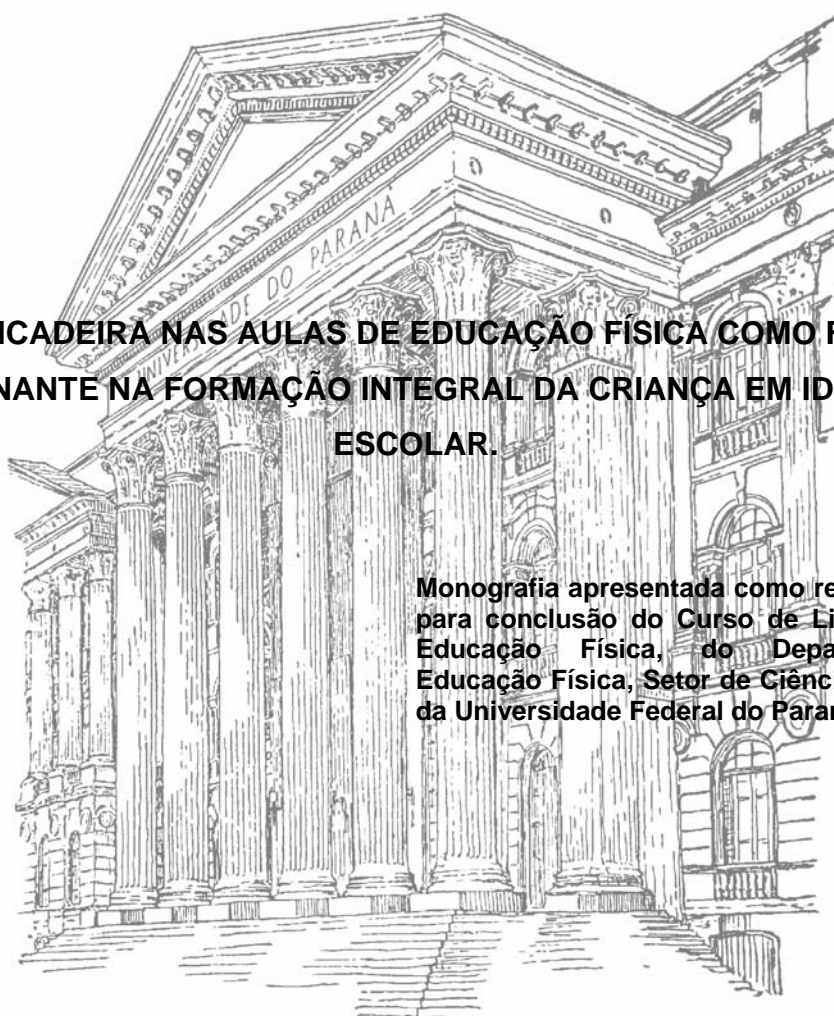


MARIANA STOETERAU NAVARRO

**A BRINCADEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FATOR
DETERMINANTE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA EM IDADE PRÉ-
ESCOLAR.**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**



CURITIBA

2006

MARIANA STOETERAU NAVARRO

**A BRINCADEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FATOR
DETERMINANTE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA EM IDADE PRÉ-
ESCOLAR.**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

PROF. ORIENTADOR: CLAUDIO PORTILHO MARQUES

Ao meu pai, minha mãe, Aline e Luize, família querida que me proporcionou uma infância bem vivida e que faz de mim o que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Portilho por aceitar me orientar e estar sempre presente.

Ao meu pai pela oportunidade de estar aqui e pelo apoio constante.

À minha mãe por acreditar em mim, mesmo quando nem eu acreditava.

Às minhas duas lindas irmãs pelas boas conversas e opiniões, por me agüentarem durante as crises de mau humor e simplesmente por fazerem parte da minha vida.

À minha avó Laurita pelas idéias maravilhosas e reviravoltas em meu pensamento.

Ao meu namorado Tota que me entende como ninguém e sempre me motiva.

À 4 pessoas muito especiais que, cada uma da sua maneira, tiveram sua participação na minha experiência de vida e de amizade, Fran, Lu, Pri e Má.

Aos amigos, que não vou citar cada nome pelo medo de esquecer algum, pelas risadas, vocês todos moram no meu coração.

“Só as crianças sabem o que procuram, disse o príncipezinho. Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando a gente toma... Elas são felizes...”.

Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	2
1.3 OBJETIVOS	4
1.3.1 Objetivos Gerais.....	4
1.3.2 Objetivos Específicos	4
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 A BRINCADEIRA	5
2.1.1 Jogo, Brinquedo e Brincadeira	5
2.1.2 Características da Brincadeira	6
2.1.3 A Importância da Brincadeira	7
2.2 A PRÉ-ESCOLA.....	10
2.2.1 A Criança Pré-escolar	13
2.3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	15
2.4. A BRINCADEIRA MEDIADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	17
2.4.1 Mediação.....	19
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24

RESUMO

A BRINCADEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FATOR DETERMINANTE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA EM IDADE PRÉ-ESCOLAR.

Apesar da importância da brincadeira no desenvolvimento infantil já ter sido reconhecida por pesquisadores, ela ainda é tida, no senso comum, como uma atividade sem importância e é desvalorizada inclusive no âmbito escolar. A desvalorização somada com a violência nas ruas faz com que as crianças, que, na idade pré-escolar alcançam o pico de sua espontaneidade e têm a brincadeira como atividade fundamental, tenham cada vez menos possibilidades de brincar. A pré-escola ocupa um tempo e um espaço precioso na vida das crianças, é um período em que elas estão descobrindo o mundo e o seu desenvolvimento é influenciado pelas características do meio em que vivem. O brincar, que é a forma de contato da criança com o mundo exterior, pode, através das aulas de educação física e da prática de professores conscientes, ser um instrumento de grande valia para o desenvolvimento infantil. Para isso, o educador deve ser esclarecido e capacitado para que, mesmo sendo mediado, o brincar infantil não perca suas características. Percebe-se a relevância de um tempo dentro da pré-escola dedicado às brincadeiras infantis e de subsídios teóricos que orientem os professores em suas práticas. Pensando em alcançar uma maior conscientização e esclarecimento dos professores, para assim repensar a prática da educação física infantil, esse estudo pretende discutir a situação da brincadeira nas aulas para crianças de 4 a 6 anos. Busca responder: Qual a importância de incluir as brincadeiras nas aulas de educação física da pré-escola e como a mediação do professor perante esse conteúdo pode acontecer para um melhor aproveitamento da criança.

Palavras chaves: Brincadeira, educação física, pré-escola.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

As Crianças precisam brincar, faz parte do seu descobrimento do mundo e das pessoas, é assim que elas se comunicam e se inserem em um contexto social. A brincadeira “é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação.” (KISHIMOTO, 1997). Através do ato de brincar, a criança explora o mundo e suas possibilidades, e se insere nele, de maneira espontânea e divertida, desenvolvendo assim suas capacidades cognitivas, motoras, afetivas e espirituais. Entretanto no imaginário do senso comum, a brincadeira infantil é desvalorizada, como diz Bomtempo (1986) é tratado como alguma coisa frívola e sem significado. Assim, a falta de conhecimento dos pais e profissionais da área da educação infantil, somada com a violência das ruas acaba deixando as crianças sem tempo, espaço, companhia ou incentivo para brincar.

A pré-escola é um espaço e um tempo precioso na vida da criança, é lá que ela passa grande parte do seu dia e que ocorrem importantes aprendizados. O ambiente escolar também deve ser lugar para a brincadeira, inclusive dentro das aulas de educação física. Vygotsky trabalha com essa questão da brincadeira e do desenvolvimento infantil e diz que “Comparada com a situação escolar, a situação de brincadeira parece pouco estruturada e sem uma função explícita na promoção de processos de desenvolvimento”, diz também se referindo a brincadeira que “a escola e, particularmente a pré-escola poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situações para atuar no processo de desenvolvimento das crianças”. (VYGOTSKY 1984 apud OLIVEIRA 1993). Principalmente no momento das aulas de educação física, a brincadeira não só pode como deve ser entendida como fator de desenvolvimento e conteúdo escolar, deve ter o seu espaço garantido. Estando na aula de educação física e, sendo mediada por um professor, essa brincadeira pode ser direcionada para que a criança, sem perceber, descubra novas maneiras de brincar, de socializar e de desenvolver o seu potencial, pois segundo Wajskop (2005), a brincadeira é uma atividade dominante da infância e é a forma pela qual esta começa a aprender.

A espontaneidade com que a brincadeira surge e acontece é uma de suas principais características, que não pode ser totalmente perdida, mesmo essa brincadeira tendo a interferência do professor, pois é ela que traz a autonomia e a criatividade da criança durante a brincadeira. A mediação que, na idéia de Vygotsky, "... é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento." (VYGOTSKY 1984 apud OLIVEIRA, 1993), sendo o professor o elemento intermediário, é de grande responsabilidade, pois pode ser positiva, capaz de ajudar a criança, ainda espontaneamente, a levar a brincadeira para um caminho saudável e torná-la mais motivante, ou pode ser negativa, acabando com as características e com a motivação da criança, e isso vai depender da consciência do professor. Por isso essa mediação deve ser pensada para que não acabe prejudicando o brincar da criança. Pretendendo então, alcançar uma maior conscientização e esclarecimento dos professores, esse estudo busca responder: Qual a importância de incluir as brincadeiras nas aulas de educação física da pré-escola e como a mediação do professor perante esse conteúdo pode acontecer para um melhor aproveitamento da criança.

1.2 JUSTIFICATIVA

Em meio ao desenvolvimento urbano e o aumento da violência, as ruas se tornam perigosas, os pais trabalham o dia inteiro e as casas e apartamentos ficam cada vez mais fechados. Dentro dessa realidade encontram-se as crianças, que desde bem pequenas ficam confinadas dentro de casa, assistindo televisão ou na frente do computador. "A atual geração infantil de apartamento movimenta mais os dedos num videogame e num sintonizador de televisão do que um corpo como um todo" (FREIRE, 1992). Desde muito cedo elas são acostumadas a brincarem pouco e, muitas vezes sozinhas. É cada vez mais comum ouvir novos casos de crianças obesas, com colesterol alto e que não conseguem socializar com outras crianças. É a triste realidade de crianças que "não sabem brincar".

O tempo da criança é dividido entre a parte do dia em que ela está em casa e a em que ela está na escola. Se em casa, na maioria das vezes, as brincadeiras são

bem limitadas e sem incentivo, pois “uma criança assistindo televisão dá menos trabalho do que uma criança brincando”, fica para a escola e principalmente para as aulas de educação física a responsabilidade de possibilitar à criança momentos de brincadeiras, que podem ser dirigidas ou não. Momentos onde o aluno possa aprender, ensinar, transformar e criar brincadeiras e, brincando, desenvolver as suas potencialidades. Wajskop (2005 p.37) fala da brincadeira como “atividade social específica e fundamental que garante a interação e construção de conhecimentos da realidade pelas crianças”, definição essa que, segundo a autora, “nos faz estabelecer um vínculo com a função pedagógica da pré-escola”.

Na pré-escola, a criança está descobrindo o mundo e o seu desenvolvimento é influenciado pelas características do meio em que ela vive. Segundo Kramer (1989 p.39) “a situação sociocultural e as condições econômicas em que vivem as crianças, além do sexo e da etnia, exercem uma forte influência sobre elas e sobre os conhecimentos que constroem.” Em idade pré-escolar, as crianças têm a brincadeira como meio de contato com a realidade, é brincando que ela tenta descobrir sobre sua própria identidade e a dos outros. A criança precisa de estímulos positivos que a incitem para a brincadeira, o que muitas vezes por falta de conhecimento dos pais e profissionais da área acaba não acontecendo, e é nessa idade que os hábitos da criança estão se formando e ela precisa da brincadeira como meio para o seu desenvolvimento integral.

Observando e percebendo as crianças e o modo como elas experimentam a vida, percebe-se que é cada vez maior a relevância de um tempo, dentro do âmbito escolar, para brincar e ter assim a oportunidade de ser simplesmente uma criança capaz de desenvolver todo o seu potencial nesse espaço único de aprendizagem que é a brincadeira. Existe a necessidade da busca de subsídios teóricos para orientar os professores em suas práticas, principalmente os que trabalham com essa faixa etária. Uma mediação consciente poderia acelerar ainda mais o processo de desenvolvimento, ou assim a brincadeira perderia o sentido? Até que ponto é válida a presença de um caráter educativo nas brincadeiras infantis? As brincadeiras são realmente importantes para o desenvolvimento das crianças? Esclarecimentos como esses são decisivos para que o professor de educação física da pré-escola possa repensar a sua prática, possibilitando assim um maior aproveitamento das aulas pelos alunos e conseqüentemente uma maior aprendizagem. Pretende-se

então pesquisar qual é a real contribuição da brincadeira, dentro da escola, sendo mediada pelo professor, para a formação dessas crianças, e de que forma deve se dar essa mediação para que não se perca a brincadeira de vista. Para, de tal forma, chamar a atenção de pais e professores para essa realidade. Afinal, como o poeta Drummond disse: “Nada mais sério do que uma criança brincando!”

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- Investigar a relevância das brincadeiras dentro das aulas de educação física para crianças em idade pré-escolar.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar e selecionar os principais autores da área da educação infantil e da educação física que tenham discutido a importância da brincadeira na escola para crianças em idade pré-escolar.
- Discutir os conceitos de brincadeira.
- Relacionar o conceito de mediação de Vygotsky com a brincadeira dentro da aula de educação física.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A BRINCADEIRA

2.1.1 Jogo, Brinquedo e Brincadeira

Existe uma dificuldade em conceituar e diferenciar a brincadeira do jogo, pois os termos “jogar” e “brincar” muitas vezes são tratados como sinônimos. Kishimoto (1997) afirma que os termos, no Brasil, são utilizados indistintamente pela falta de conceituação que este campo ainda apresenta. Bomtempo e Hussein (1986) concluem que “... há uma dificuldade de encontrar-se uma definição do comportamento de brincar a partir dos próprios termos “brinquedo” e “jogo”, e vemos que isso não ocorre só na língua portuguesa como também em outros idiomas.” No dicionário Ruth Rocha, a brincadeira é o “ato de brincar” e o brincar é “divertir-se como fazem as crianças”, já o jogo está conceituado também como divertimento, mas “submetido a regras”. Alguns pesquisadores têm as suas próprias diferenciações e definições para brincar e jogar. Para Kishimoto (1994),

“... brinquedo será entendido sempre como objeto, suporte da brincadeira, brincadeira como a descrição de uma conduta estruturada, com regras e jogo infantil para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança (brinquedo e brincadeiras)”.

Wajskop (2005) se utiliza da concepção sócio-antropológica que entende que a brincadeira é:

“... um fato social, espaço privilegiado de interação infantil e de constituição do sujeito criança como sujeito humano, produto e produtor de história e cultura. A brincadeira na perspectiva sócio-histórica é antropológica, é um tipo de atividade cuja base genética é comum à arte, ou seja, trata-se de uma atividade social, humana, que supõe contextos sociais e culturais, a partir dos quais a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios.”

Freire (1992) também a respeito dessa “confusão a respeito dos termos” afirma que na nossa língua as definições de brinquedo, jogo, brincadeira e esporte têm poucas diferenças. “Brincadeira, brinquedo e jogo significam a mesma coisa, exceto que o jogo implica a existência de regras e de perdedores e ganhadores quando de sua prática.”

Bomtempo e Hussein (1986) explicam essa dificuldade de definir o comportamento de brincar “por incluir uma diversidade de respostas como: locomoção, orientação, manipulação, exploração, verbalização e interação social de crianças.”.

Vygotsky (1984) apud Oliveira (1993), utiliza principalmente os termos brinquedo e brincadeira. “No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e significado.” Chama de “brincadeira de faz-de-conta” ou “situação imaginária” o que Piaget (1978) chama de “jogo simbólico”, ambos se referindo ao ato de brincar imaginando diferentes situações.

Levando em consideração as conceituações e diferenciações dos termos “jogo”, “brinquedo” e “brincadeira”, percebe-se que por vezes os termos são utilizados com os mesmos significados e mesmas características. Os termos utilizados por cada autor devem ser respeitados, pois cada um segue uma linha e entende os termos de uma maneira singular. Kishimoto (1997) e Piaget (1978) se utilizam do jogo, Wajskop (1995) da brincadeira, Bomtempo (1986) e Vygotsky (2003) de brinquedo, sendo que muitas similaridades aparecem no decorrer das conceituações e caracterizações. Para a realização desse trabalho, os termos não serão entendidos como sinônimos, o termo utilizado será “brincadeira”, fazendo referência ao ato de brincar, com suas características lúdicas e entendida como uma atividade espontânea e criativa em que a criança se insere e se adapta ao mundo exterior sendo influenciada pelo contexto social em que está inserida. Diferencia-se de jogo pelo seu caráter lúdico, pela liberdade e pela predominância do imaginário sobre as regras pré-estabelecidas.

2.1.2 Características da Brincadeira

Para Vygotsky (2003) o brinquedo (fazendo referência ao ato de brincar) não é só uma atividade que dá prazer à criança, pois muitas outras atividades também o proporcionam e não são consideradas brinquedo, consideração essa que vai depender das motivações que controlam esse prazer. Entre as características do brinquedo segundo o autor está também a satisfação de certas necessidades da criança, como a realização de desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos e que para realizá-los a criança entra em um mundo ilusório e imaginário. A

imaginação é uma das outras características que definem o brincar, "... a imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação". O autor também fala das regras como sempre presentes no brinquedo, inclusive nas situações imaginárias, "A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori." No brinquedo as regras já estão implícitas, não pré-estabelecidas mais originadas da própria situação imaginária.

Pode-se concluir então que entre as características do brinquedo, segundo Vygotsky (2003), está o prazer proporcionado à criança, a satisfação de necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos, a situação imaginária e as regras.

Bomtempo e Hussein (1986) realizaram um levantamento sobre o que alguns autores como Piaget (1951), Beach (1945), Berlyne (1969) e Hutt (1966) falam do comportamento de brincar. Em suma, nesse levantamento percebe-se que existem características marcantes e que aparecem com bastante frequência como: o prazer proporcionado à criança, ter um fim em si mesmo e a representação de papéis. As autoras concluem através desse estudo que diversos autores colocam que "o comportamento de brincar é também um comportamento que tem um fim em si mesmo, sendo por isso intrinsecamente motivado e intrinsecamente reforçado."

Piaget (1978), para explicar e diferenciar o ato de brincar, por ele chamado de jogo, das atividades não lúdicas, examina alguns critérios até então "habitualmente utilizados" na abordagem dessa temática e os reúne de forma a definir a atividade do jogo. Segundo o autor, o jogo encontra sua finalidade em si mesmo, é espontâneo, prazeroso, desprovido de estrutura organizada, ignora conflitos e é supermotivado. Afirma que "... o jogo não constitui uma conduta à parte ou um tipo particular de atividades dentre outras: ele se define somente por uma certa orientação da conduta, ou por um "pólo" geral de toda atividade..." O autor acompanha a evolução dos jogos em relação aos períodos de desenvolvimento da criança. Nos primeiros meses de vida, no período sensório-motor, o predominante são os jogos de exercício, que tem como característica o prazer proporcionado à criança e a ausência de símbolos, ficções ou regras, é o primeiro a aparecer. Em torno dos dois anos de idade, já no período pré-operatório, surge o jogo simbólico, que além do prazer está incluída a fantasia e a criança passa a imaginar e

representar elementos, como arrastar uma caixa imaginando que ela seja um automóvel. A partir dos quatro anos, se inicia o jogo de regras, com o apogeu aos sete e se prolongando por toda a vida, são jogos que pré-supõe as relações sociais, com regras impostas pelo grupo e competição dos indivíduos. Piaget (1978) também inclui os jogos de construção, que se situam “... a meio caminho entre o jogo e o trabalho inteligente, ou entre o jogo e a imitação.” São caracterizados como uma transformação interna da criança na noção de símbolo, e não uma fase entre as outras.

Considerando os estudos desses autores podemos perceber algumas fortes características da brincadeira que devem ser ressaltadas, como o prazer e a espontaneidade provindos da atividade. O prazer que, se ausente, a brincadeira perderia a sua essência e deixaria de existir, pois é pela busca dele que a brincadeira começa e pela sua perda que ela termina. E a espontaneidade da brincadeira, que faz com que ela surja de preocupações e idéias da própria criança e torna possível a presença do prazer durante a atividade.

Para entender a brincadeira é preciso entrar no mundo das crianças e pensar como elas. Observar como as brincadeiras começam nos faz perceber que a imaginação da criança está presente em qualquer situação e basta um estímulo para que ela aflore e a criança entre em um mundo de brincadeira. Um ato simples do dia a dia como escovar os dentes pode virar uma luta entre o super-homem e o batman. É um exemplo de uma brincadeira que acontece simplesmente pelo prazer que ela proporciona à criança e é completamente espontânea.

2.1.3 A Importância da Brincadeira

Apesar da importância da brincadeira já ter sido reconhecida por pesquisadores educacionais, ela continua a ser tratada como algo sem importância e significado. Infelizmente ela não faz parte, no senso comum, das atividades infantis tidas como tradutoras de aprendizagem e desenvolvimento. A brincadeira ainda é tida como “bobagem, coisa de criança e meio para acalmá-las quando estão muito agitadas“. Com essa falta de incentivo e reconhecimento, e somando com a televisão, o videogame e o computador, a criança perde boa parte do seu espaço no tempo da criança. Bomtempo (1986) se refere ao jogo ou brinquedo como “preterido

na escola por tarefas mais sérias e, encarado como alguma coisa frívola e sem significado”.

Segundo Bomtempo (1986), alguns autores têm o brinquedo como “um meio de fornecer à criança um ambiente planejado e enriquecido que possibilite a aprendizagem de varias habilidades”, mas também salienta que ainda é difícil para as pessoas encararem e perceberem a importância da brincadeira, da oportunidade de brincar e da aprendizagem decorrente deles.

João Batista Freire (1992) também fala do ato de brincar e diz que “enquanto brinca a criança aprende incessantemente”. O autor afirma que “no jogo existe o trabalho, que é uma atividade que leva em conta o meio ambiente, com os objetos físicos e sociais”.

Piaget (1978) apud Magnani (1998) ao abordar essa temática se utiliza do termo “jogo”. Para ele o jogo é um fator de grande importância no desenvolvimento cognitivo da criança. Afirma que no brincar, a assimilação predomina sobre a acomodação e a criança incorpora o mundo à sua maneira, equilibrando as relações entre ela e o mundo, “o real e eu”. Neste sentido, o brincar de forma ativa, agradável e integrativa participa do desenvolvimento intelectual infantil. “Se a atividade e o pensamento adaptados constituem um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, o jogo começa desde que a primeira leva vantagem sobre a segunda.”

Vygotsky (2003) trata da situação de brincar com grande importância. “As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. Para o autor:

“... o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que ela é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento”.

A zona de desenvolvimento proximal a que se refere o autor é o espaço entre a zona de desenvolvimento real que é aquilo que a criança já consegue realizar sozinha, sem ajuda, a solução independente de problemas, e a zona de desenvolvimento potencial, que é determinada pela solução dos problemas com a ajuda de adultos ou crianças mais capazes. A zona de desenvolvimento proximal é definida por aquelas

“funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação”. (VYGOTSKY, 2003). A justificativa dada para a importância da criação da zona de desenvolvimento proximal é que as realizações independentes da criança podem não indicar tão corretamente o seu desenvolvimento mental como aquelas que ela realiza com a ajuda dos outros.

2.2 A PRÉ-ESCOLA

A pré-escola, definida por Wajskop (1995) como “instituição com possibilidades de desenvolver um trabalho criativo e ao mesmo tempo formador de crianças sujeitos de seu próprio acontecer histórico” tem sua importância reconhecida a pouco tempo. Segundo Kramer (1989) é só a partir da década de 70 que é reconhecida a importância da educação de crianças pequenas e que as políticas sociais começam a ampliar o atendimento a essa faixa etária, que até recentemente era apenas médico e assistencial.

De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) sancionada em 20 de dezembro de 1996, a educação infantil constitui-se na primeira etapa da educação básica tendo como finalidade o desenvolvimento integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social da criança. A pré-escola recebe as crianças de 4 a 6 anos e as creches ou entidades equivalentes as de 0 a 3 anos de idade.

As crianças pequenas estão entrando cada vez mais novas e em maior número nas pré-escolas. Chamada por Wajskop (1995) de “fenômeno educacional tipicamente urbano”, a pré-escola ocupa um lugar importante na sociedade, mas apesar de sua importância já ter sido reconhecida, os pais ainda acreditam pouco que a educação infantil possa trazer uma aprendizagem significativa para os filhos, quanto ao ensino o máximo que se espera é a alfabetização. A inserção da mulher no mercado de trabalho, a violência nas ruas e a urbanização em geral, fazem com que aumente de forma crescente a necessidade de um lugar onde os adultos possam deixar as crianças seguras e convivendo com outras crianças enquanto estão trabalhando e a grande preocupação dos pais em trilhar desde cedo o caminho de sucesso profissional de seus filhos são dois dos fatores que fazem com

que muitos pais levem seus filhos para a pré-escola. “Levando seus filhos às escolas e creches, os pais geralmente não têm expectativas de que eles aprendam muita coisa, mais sim, de que sejam bem cuidados e alimentados.” (FREIRE, 1992).

O nome pré-escola para Freire (1992) passa a idéia de uma preparação para a escola, mas segundo o autor, seria uma pena reduzir o seu papel a isso, pois a primeira infância é um período da vida que se pode viver intensamente. Ter a pré-escola como uma preparação para a escola é pensar na infância apenas como uma preparação para a vida adulta e na criança como um futuro adulto. Essa é uma visão restrita tanto da pré-escola como da própria criança, mas, felizmente, essa visão vem sendo superada e a educação infantil sendo considerada indispensável para o desenvolvimento integral da criança, que começa a ser vista como ela é, um “sujeito social, com características e necessidades próprias definidas historicamente”. Wajskop (1995 p.14).

Para Kramer (1989 p.49), a função da pré-escola é:

“... propiciar o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos e valores culturais que as crianças já têm e, progressivamente, garantindo a ampliação dos conhecimentos, de forma a possibilitar a construção da autonomia, cooperação, criticidade, criatividade, responsabilidade, e a formação do autoconceito positivo, contribuindo, portanto, para a formação da cidadania”.

Para tornar possível uma educação infantil que atinja todos os objetivos idealizados para o desenvolvimento infantil é preciso pensar na criança como um ser único, com características próprias, diferente das outras crianças, com sentimentos e preocupações que provém de uma história de vida e inserida em um determinado contexto social. Para Gardner (1994 p.77), as crianças trazem de casa um conjunto de teorias “feitas em casa”, que são capacidades, compreensões e propensões, que por sua vez influenciam na maneira com que as crianças aprendem. O desenvolvimento da criança vai depender também das suas vivências fora da escola e da sua realidade social, e os educadores da pré-escola devem estar atentos para as individualidades dos alunos. Levando em conta essas considerações percebemos que cada criança se desenvolve em um ritmo específico, o que deve influenciar a própria definição dos objetivos da instituição. Nesse sentido, Thiessen e Beal (1987) afirmam que na pré-escola é muito difícil estipular objetivos terminais quantificados, e que o educador, tentando alcançar a todos os alunos não ensina, mas estimula o

educando a ser o agente da sua própria aprendizagem. Kramer (1989) coloca, em uma proposta para uma pré-escola de qualidade, o seu dever de reconhecer e valorizar as diferenças existentes entre as crianças e, dessa forma, beneficiar a todas no que diz respeito ao seu desenvolvimento e à construção dos seus conhecimentos.

Thiessen e Beal (1987), a respeito da metodologia adotada na educação infantil afirmam que ela não deve seguir os moldes rígidos do ensino formal, mas em contrapartida, também não pode ser livre o bastante para que fique à base do improvisado. As crianças na primeira infância são, normalmente, mais agitadas do que as mais velhas, elas não conseguem permanecer em uma mesma atividade ou posição por um período maior de tempo. Elas precisam de uma certa liberdade, mas ao mesmo tempo precisam de um sentimento de segurança dentro de certos limites e regras. Para Silva (2005) é a partir de práticas sociais, culturais e pedagógicas significativas que permanece o exercício efetivo do direito a uma educação de qualidade e chama a atenção para a necessidade das situações de aprendizagem ocorridas no âmbito escolar serem diferenciadas qualitativamente daquelas ocorridas fora dela.

Se observarmos pelo ponto de vista da criança quando começam a freqüentar uma pré-escola, podemos perceber a confusão que é criada em sua mente. Ela é, por uma razão desconhecida, retirada do ambiente da sua casa e de perto da sua mãe para ficar em um lugar desconhecido e com pessoas desconhecidas. Leva um tempo para que ela se acostume e comece a gostar daquele ambiente e a interagir com as outras crianças. E para que isso aconteça a pré-escola e as pessoas que trabalham nela devem sempre passar a imagem para a criança de um lugar agradável e seguro. É relevante lembrar que, como Thiessen e Beal (1987) explicam, o tempo que a criança passa no ambiente pré-escolar vai ajudar na "... construção dos alicerces de sua afetividade, socialização e inteligência e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento integral e harmônico." Então, quanto mais agradável for para a criança estar na pré-escola, melhor vai ser o seu desenvolvimento. Por isso a responsabilidade dessa instituição não só como tradutora de desenvolvimento, mas também formadora de pequenas mentes com idéias e conceitos, medos e vontades.

2.2.1 A Criança Pré-escolar

Entende-se que para perceber melhor as características e estrutura da pré-escola é preciso conhecer as crianças que estão inseridas nesse contexto. Entre 4 e 6 anos elas passam por uma fase de descobrimento e de inserção no mundo exterior, cujo contexto, características e relações com outras pessoas influenciam diretamente em seu desenvolvimento. Mas, não só o meio social exerce uma influência sobre a criança, mais cada organismo responde de maneira diferente aos estímulos exteriores. Para Kramer (1989), isso significa que as crianças participam ativamente da construção do seu conhecimento. Então, para analisarmos o comportamento e as características das crianças pequenas devemos ter sempre conosco a idéia de que cada criança está inserida em um contexto sociocultural diferente e responde aos estímulos de forma única, o que vai exercer influência sobre suas características e seu desenvolvimento.

“Há determinados parâmetros psicológicos que orientam o desenvolvimento de todas as crianças. Sabemos, por outro lado, que a situação sociocultural e as condições econômicas em que vivem as crianças, além do sexo e da etnia, exercem uma forte influência sobre elas e sobre os conhecimentos que constroem.” (Kramer 1989, p.39).

Nos primeiros anos de vida, ocorrem mudanças significativas no comportamento dos meninos e das meninas, e essas mudanças irão determinar as futuras características dessas pessoas. Gardner (1994 p.90) explica que os meios em que a criança passa seus primeiros anos exercem um impacto em relação ao julgamento do mundo ao seu redor. A criança nessa fase está construindo os seus conhecimentos tanto a respeito de si mesmo como dos outros, ela está aprendendo e assimilando como se dão as relações ao seu redor e, através disso formando os seus conceitos sobre essas relações. “O conhecimento do mundo da criança nesse período depende das relações que ela vai estabelecendo com os outros e com as coisas.” (FREIRE, 1992 p. 19).

Sabemos que a criança influencia e é influenciada pelo meio e pelo contexto sociocultural e histórico em que está inserida, mas também sabemos que existem certas características que seguem alguns parâmetros que orientam o desenvolvimento das crianças. Nesse aspecto, para Beal e Thiessen (1987), o desenvolvimento infantil envolve diversos fatores que se relacionam entre si. Dando

o exemplo de uma criança que se firma em pé, as autoras afirmam que é um progresso físico, mas que envolve outras qualidades, assim como curiosidade, persistência e autoconfiança. Entre os fatores que influenciam o desenvolvimento infantil, segundo as autoras, estão as relações afetivas, as relações sociais, a criatividade, a curiosidade, a percepção e a motricidade, e o desenvolvimento cognitivo. As relações afetivas são caracterizadas pelo aparecimento das simpatias e antipatias da criança e abordam as relações interindividuais, quando a criança passa a se comunicar socialmente com as outras crianças e a autovalorização, que são os sentimentos tanto de inferioridade como de superioridade. As relações sociais abordam o comportamento, que deriva sempre da relação do ser com o conjunto de condições totais e reais, e a vivência grupal da criança, que marca o aspecto social. A criatividade envolve características como sensibilidade, originalidade, flexibilidade, autonomia e pensamento crítico. A curiosidade faz com que a criança descubra o mundo a sua volta e deve ser estimulada. A percepção e a motricidade estão ligadas ao processo de maturação e ao desenvolvimento motor e podem ser facilitadas por jogos e brincadeiras. Por fim, o desenvolvimento cognitivo trata da inteligência, das fases do desenvolvimento infantil e das representações mentais. É necessário ressaltar que esses fatores acontecem simultaneamente e espontaneamente, pois a criança não será antes criativa para depois ser curiosa. De acordo com os acontecimentos a criança, de forma espontânea, vai sentindo, criando, se relacionando e, enfim, se desenvolvendo.

A espontaneidade da criança é uma característica marcante, principalmente nessa idade. “A criança de 4 a 6 anos encontra-se no período de espontaneidade máxima, possui menos limitações internas do que a criança de 3 ou menos e também conhece menos restrições externas socialmente impostas do que conhecerá mais tarde.” (Beal e Thiessen 1987 p.14). A criança se desenvolve em meio à espontaneidade de suas ações e o seu desenvolvimento será influenciado por elas. Seria uma pena desperdiçar tanta espontaneidade, as educadoras na pré-escola devem estar atentas e tentar se utilizar ao máximo em suas atividades dessa característica tão marcante para assim estimular cada vez mais as crianças.

Apesar de bastante espontânea, a criança em idade pré-escolar tem o seu comportamento centrado nela mesma. Para Piaget (1975), dos dois aos sete anos de idade a criança passa pelo período pré-operatório, no qual uma das principais

características é o egocentrismo, ou seja, ela é centrada no seu eu. Beal e Thiessen (1987 p.16) afirmam que “A criança pré-escolar participa esporadicamente de atividades grupais.” É uma idade em que a criança age de forma egoísta, ela brinca sozinha e de acordo com as vontades dela. Por isso, um dos deveres da pré-escola é estimular a socialização entre as crianças através de atividades em grupo. Para Wajskop (2005) a socialização deve ter um espaço fundamental nos objetivos da instituição pré-escolar.

A espontaneidade e o egocentrismo da criança nessa fase definem duas de suas principais características, e ambas, de alguma maneira devem ser trabalhadas na pré-escola. “O comportamento social do pré-escolar concentra-se em suas brincadeiras. É brincando que a criança vai, pouco a pouco, tomando contato com a realidade” (Beal e Thiessen 1987 p.15). O brincar, que é uma atividade natural da criança, possibilita o espaço para a espontaneidade e ao mesmo tempo cria oportunidade de socialização entre as crianças, principalmente em espaços onde elas tenham uma convivência entre si, como a pré-escola. É quase impossível falar de criança e não falar de suas brincadeiras, que são essenciais para que a criança se desenvolva de forma saudável. “A brincadeira é uma forma de atividade social infantil cuja característica imaginativa e diversa do significado cotidiano da vida fornece uma ocasião educativa única para as crianças.” (Wajskop 2005 p.30).

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA:

A educação física escolar segundo Sousa e Vago (1997) em sua história já foi uma educação física “domadora de corpos humanos”, com referência nas idéias e práticas de higienização e disciplinarização dos corpos, já foi “celeiro de atletas” se referindo aos princípios do esporte rendimento, já foi “terapia escolar” através da psicomotricidade e já foi também “promotora apenas de saúde biológica e individual” falando da redução do corpo humano em máquina ou então a um feixe de músculos. Só na década de 80 é que começam a surgir problematizações mais profundas na área da educação física, que discutem os fundamentos, classificações, objetivos e que começam a mudar o enfoque dado à educação física escolar. Na década de 90 então, começam a ser construídas novas propostas para o ensino da educação

física, como a perspectiva da cultura corporal do movimento, que continua bastante aceita no meio escolar. A cultura corporal compreende a educação física como componente curricular abrangendo a cultura e o contexto histórico, ambos importantes para a formação humana. (Coletivo de Autores 1992).

Em 20/12/96 é promulgada a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) cujo art.26 fala que “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.”. A Educação Física é obrigatória então nos três níveis da Educação Básica, que são a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Para Sousa e Vago (1997) o desafio para a educação física é de não estar preocupada em produzir “corpos esculturais”, mas participar da formação dos “corpos culturais”, é o conflito, o confronto e a produção de idéias nas quais acreditamos para as práticas escolares. E para isso os profissionais da educação física devem

“... tentar construir um ensino da educação física que possa participar da produção da cultura escolar como um tempo e um espaço de conhecer, de provar, de criar e recriar as práticas corporais produzidas pelos seres humanos ao longo de sua história cultural, como os jogos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as formas de ginástica, as lutas.”

Dentro da educação infantil, onde a educação física é obrigatória e de acordo com a LDB de 1996, que, ao citar a educação infantil, fala do desenvolvimento integral da criança, podemos concluir que as aulas da educação física são realmente imprescindíveis. Freire (1992 p.12) afirma que se o único papel da pré-escola fosse a alfabetização “de duas uma: ou ela se condenaria a ser eternamente pobre como instituição ou, fazendo apenas isso, o resto das coisas que a criança precisa aprender ficaria, bem ou mal, por conta da sociedade.”.

“É difícil explicar a imobilidade a que são submetidas as crianças quando entram na pré-escola.” (FREIRE 1992 p.21). A educação física aparece então para possibilitar às crianças um espaço para descobrirem e movimentarem o seu corpo. Mas os seus objetivos não devem se restringir simplesmente às habilidades motoras. Beal e Thiessen (1987) assumem a posição de que a educação física contribui para a aquisição de habilidades e comportamentos, atendendo as necessidades básicas da criança não só em seu aspecto motor, mas também no

cognitivo e no sócio-emocional. Freire (1992) complementa falando que as habilidades motoras devem ser desenvolvidas, mas sem perder de vista as conseqüências disso para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança.

As atividades realizadas na pré-escola só serão significativas para as crianças se o contexto em que está inserida for importante para ela. "Assim como a linguagem verbal falada pela professora em sala de aula é, por vezes, incompreensível para os alunos, também a linguagem corporal pode sê-lo se não se referir, de início, à cultura que é própria dos alunos." (FREIRE, 1992 p.24). Os conteúdos da educação física na pré-escola devem ser bem analisados e construídos pelos profissionais, não se amarrando nas habilidades motoras, pois as possibilidades são inúmeras e os benefícios para os alunos maiores ainda. O conhecimento do professor para com as crianças, suas possibilidades e características, juntamente com a sua criatividade são pontos indispensáveis para a organização das aulas. As aulas de educação física representam parte integrante da pré-escola e devem visar o desenvolvimento integral das crianças em conjunto com a proposta da escola. Segundo Freire (1992 p.21), "a educação física deve atuar como uma disciplina qualquer a escola, e não desintegrada a ela".

2.4 A BRINCADEIRA MEDIADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

Diante das características da criança na primeira infância, da pré-escola, e da educação física infantil, não há como não relacioná-las e pensar assim na brincadeira como conteúdo das aulas de educação física para as crianças no ambiente pré-escolar. Alguns autores falam sobre a presença da brincadeira na pré-escola e do seu papel pedagógico. Wajskop (2005 p.17) fala da pré-escola como instituição que acolhe crianças cuja atividade fundamental, do ponto de vista afetivo, social e cognitivo é a brincadeira. Kishimoto (1998) explica que muitos autores são opostos à idéia de levar o jogo (com referência ao ato de brincar) para o ambiente escolar, pois, segundo eles, o jogo tornar-se-ia marginalizado, viraria uma ação dirigida na busca de finalidades pedagógicas e assim perderia suas características de ser uma ação livre, de ter fim em si mesmo, de ser iniciado e mantido pelo aluno e de ser realizado por simples prazer. "Tais ponderações têm aquecido as

discussões em torno da apropriação do jogo pela escola e, especialmente, o jogo educativo.” (KISHIMOTO 1998 p.14). O chamado “jogo educativo” seria, segundo a autora, “metade jogo, metade educação”.

Pensando nessa perspectiva surge um questionamento: Será que é possível separar o jogo da educação e tratá-los como independentes? Kishimoto (1998 p.23) fala que “todo jogo é educativo em sua essência. Em qualquer tipo de jogo a criança sempre se educa.” Os objetivos do professor para com a atividade podem ser educativos e a criança só pensar em brincar.

Bomtempo e Hussein (1986) chamam a atenção para o fato de que a brincadeira oferece meios para obter informações que não poderiam ser obtidas de outra forma. Explicam que a observação de uma criança brincando evidencia respostas em relação ao seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional, o que pode ser um recurso de grande valia para o professor. Salientam também sobre o papel do educador, pois nada vale um grande número de materiais sem que a intervenção do professor seja adequada, não tolhendo a criatividade da criança, mas orientando-a. Deve-se sempre deixar que a brincadeira espontânea surja para que dessa forma o educador possa desenvolver novas habilidades no pré-escolar.

Wajskop conceitua a brincadeira como uma atividade humana na qual as crianças assimilam e recriam a experiência social e cultural dos adultos e afirma que a definição de brincadeira como “atividade social específica e fundamental que garante a interação e construção dos conhecimentos da realidade pelas crianças.” (2005 p.26) é que vai estabelecer um vínculo com a função pedagógica da pré-escola. A brincadeira encontraria assim um papel educativo importante para o desenvolvimento e aprendizagens da criança pré-escolar, que está inserida em uma instituição construída justamente pelas relações e “intercâmbios sociais” que nela surgem. A autora trabalha com a hipótese de que “organizada em torno da brincadeira infantil, a pré-escola poderia cumprir com a sua função pedagógica, ampliando o repertório vivencial e de conhecimentos das crianças, rumo à autonomia e à cooperação.” (2005 p. 28).

2.4.1 Mediação

Percebe-se então a importância da atuação do professor como mediador, que segundo a teoria de Vygotsky (1984) apud Oliveira (1993) seria um elemento

intermediário, externo, seria uma “ferramenta auxiliar da atividade humana”. (OLIVEIRA p.27 1993). O mediador, que pode ser tanto um signo ou sinal como uma pessoa, vai intervir na relação, no caso entre a criança e seu desenvolvimento, alterando os processos, sendo que a mediação faz de um processo simples estímulo-resposta um ato complexo e mediado, onde a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por um elemento externo. O autor vai relacionar a idéia de mediação com a sua função pedagógica, onde o professor se coloca no papel de mediador na relação existente entre a criança e seu desenvolvimento:

“A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, a importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: A aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas.” (OLIVEIRA P.33 1993).

A mediação então, está presente em diversas relações e, com a presença dela, o comportamento do sujeito se torna mais controlado e se faz possível uma ação motora dominada por uma escolha prévia, tornando as ações psicológicas mais sofisticadas e menos impulsivas. (OLIVEIRA 1993). Pensando e relacionando a mediação com a brincadeira, percebemos que a atividade, se for acompanhada por um mediador consciente da sua importância e das suas características, poderá ser explorada e a criança com isso só tem a ganhar.

Percebe-se que a brincadeira tem sua função pedagógica e que, se mediada por um professor ciente do seu compromisso e da importância da atividade para a criança se desenvolver plenamente, pode ser incluída nas aulas de educação física. Nada melhor do que a educação física, que é uma disciplina que visa o desenvolvimento integral da criança, que lida com o movimento, com a cultura e com a corporeidade das crianças para não só resgatar mais explorar a brincadeira e suas possibilidades. É claro que a brincadeira não deve ser exclusiva da aula de educação física e nem seu único conteúdo, mais pode estar presente como um conteúdo importante e com muitas possibilidades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Através da revisão de literatura, buscar e analisar os conceitos de brincadeira e de criança e inserindo-as no âmbito escolar, pesquisar o papel do professor na mediação dessa brincadeira.

João Batista Freire, Gisela Wajskop, Tizuco Morchida Kishimoto e Vygotsky são os principais autores utilizados nesse estudo.

4 CONCLUSÃO

A brincadeira é importante para o desenvolvimento infantil, e isso é fato. Mas ainda, mesmo com tantos autores discutindo-a, é complicado conceituá-la. A dificuldade se inicia logo na definição dos termos, pois existe certa confusão entre eles: jogo, brinquedo e brincadeira ainda se confundem bastante. Alguns autores os diferenciam, tendo seu conceito para cada termo, assim como Kishimoto (1994), mesmo que no decorrer da sua obra perceba-se ainda uma confusão entre “jogar” e “brincar”. Apesar de, mesmo quando utilizado só o termo “jogo” ou só o termo “brincadeira” o significado na maioria das vezes continua o mesmo, acreditamos que os termos não são sinônimos e não devem ser tratados como tal. Assim como Freire (1992), acredita-se que a brincadeira tem um caráter mais lúdico, enquanto o jogo incorpora regras. Essa confusão de conceitos mostra a falta de pesquisas na área, o que, conseqüentemente vai ajudar na falta de valorização da brincadeira pelo senso comum.

Superando a crise terminológica nos perguntamos então: O que é afinal essa brincadeira dita tão importante para o desenvolvimento infantil? Vygotsky (2003), afirma que nem tudo o que proporciona prazer à criança deve ser considerado “brinquedo” e acredita que essa diferenciação vai depender das motivações da criança que brinca. Baseando-se em autores utilizados no presente trabalho, mais precisamente Wajskop (2005), Kishimoto (1994), Freire (1992) e Vygotsky (2003), podemos conceituar a brincadeira como atividade social, com características lúdicas, espontânea e criativa, espaço de integração social em que a criança se insere e se adapta ao mundo exterior sendo influenciada pelo contexto social em que vive. Tem sua importância reconhecida por Piaget (1978) que fala dos ganhos no desenvolvimento cognitivo da criança assim como por Vygotsky (2003) que defende que brincando a criança cria uma “zona de desenvolvimento proximal”, onde a criança se comporta além do seu comportamento habitual, fala que todas as tendências do desenvolvimento estão contidas no ato de brincar.

Através da Revisão da Literatura foi possível perceber a importância da brincadeira para o desenvolvimento integral da criança, mas, para isso foi preciso antes entender a criança. Segundo Kramer (1989), Thiessen e Beal (1987), Freire (1992) e Wajskop (2005), a criança deve ser tratada como um ser histórico, que

participa ativamente da construção do seu conhecimento, e não como parte de um exército de adultos em miniatura e nem como pré-adultos que vivem incessantemente aprendendo a serem adultos. Elas são seres únicos com características e vontades próprias. Apesar disso, existem certos parâmetros psicológicos (KRAMER 1989) que orientam o desenvolvimento das crianças e duas das principais características percebidas da faixa etária de 4 a 6 anos, que é o foco do nosso trabalho, são a espontaneidade e o egocentrismo. Duas características que provam a importância da brincadeira para as crianças, pois ela é uma atividade social, que proporciona o contato da criança com outras pessoas e é também uma atividade espontânea em sua essência, por isso deve ser incluída nas aulas de educação física da pré-escola.

Concluiu-se que a mediação é um conceito importante quando se fala em incluir a brincadeira nas aulas de educação física, pois a maneira como ela se dá pode ajudar a tornar a prática significativa ou não para a criança. Oliveira (1993) fala da mediação de acordo com o pensamento de Vigotsky e afirma que ela está presente em diversas relações e, com a presença dela, o comportamento do sujeito se torna mais controlado e se faz possível uma ação motora dominada por uma escolha prévia, tornando as ações psicológicas mais sofisticadas e menos impulsivas. Bomtempo e Hussein (1986) chamam a atenção para o papel do educador, pois nada vale um grande número de materiais sem que a intervenção do professor seja adequada, não tolhendo a criatividade da criança, mas orientando-a.

A educação física pré-escolar é obrigatória mais ainda procura seu espaço de reconhecimento. Ela deve, juntamente com a proposta da escola buscar o desenvolvimento integral das crianças. Depois de perceber os benefícios e a importância do brincar infantil defende-se que a brincadeira faça parte das aulas de educação física na pré-escola. Primeiro por que as crianças precisam brincar, assim como de tempo, espaço e incentivo para isso, o que pode não ser proporcionado em casa. Segundo pelos benefícios proporcionados pela brincadeira para o desenvolvimento da criança. Terceiro por que nada melhor do que a educação física, contando com um profissional competente, incluir essa brincadeira em suas aulas e, através de uma mediação consciente poder explorar todas as possibilidades do brincar.

Depois de estudar a criança de 4 a 6 anos, a função de pré-escola e da educação física pré-escolar, a brincadeira e sua importância para o desenvolvimento infantil e a mediação, concluímos então que a brincadeira deve ser incluída nas aulas de educação física da pré-escola através de uma mediação capaz de explorar a atividade sem que ela perca sua espontaneidade. Uma mediação em que o professor tenha seus objetivos com aquela aula, mas que a criança não os perceba e continue sendo espontânea e sentindo prazer com a atividade, assim como desenvolvendo suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

BEAL, A. R. e THIESSEN, M. L. *Pré-escola tempo de educar*. São Paulo: Ática, 1987.

BOMTEMPO, E. (coord); HUSSEIN, C. L.; ZAMBERLAN M. A. T., *Psicologia do brinquedo*. Aspectos teóricos e metodológicos. São Paulo: Nova Estrela, 1986.

BRANCO, M. G., *O movimento lúdico na educação física pré-escolar*. Curitiba, 1994. Monografia do Curso de Especialização em Educação Física Escolar, Universidade Federal do Paraná.

COLETIVO DE AUTORES *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K. de, TAILLE, I. de La. *Piaget, Vygotsky, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo, Summus, 1992.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 1992.

GARDNER, H. *A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ajudá-la*. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

KISHIMOTO, T. M. *O Jogo e a Educação Infantil*. São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, T. M. *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KRAMER, S. (org.) *Com a pré-escola nas mãos*. Uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1989.

MAGNANI, E. M. *O brincar na pré-escola: Um caso sério?* Campinas, 1998. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. Série pensamento e ação no magistério. São Paulo: scipione, 1993.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ROCHA, R. *Minidicionário Ruth Rocha*. São Paulo: Scipione.

SILVA, E. J. S. da. *A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.26, n.3, p.130-142, maio 2005.

SILVA, E. S. de. e VAGO, T. M. *A nova LDB: repercussões no ensino da educação física*. In: Revista Presença Pedagógica. n.16 Belo Horizonte: Dimensão, 1997

VAGO, T. M. *Educação Física na escola: Lugar de práticas corporais lúdicas*. Presença Pedagógica. v.2, n.10, São Paulo: Julho/agosto 2006.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WAJSKOP, G. *Brincar na Pré-escola*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

